

O AUMENTATIVO DE ELENA

A professora Laís Midori da Silva
nos convida a refletir hoje:
vivenciamos a crise
da condição humana?
Pág. C4

‘Casa... Mentos’
O escritor Vittorio Cecchinelli
traz seu bom humor nos haicais
Pág. C2

Continua a brilhar
Perdemos a capacidade
de nos enxergarmos
no outro?
Pág. C3

Os Dois
Algumas tirinhas
filosóficas do
Osmar e do Dito
Pág. C3

85/00

magritte

Haicais

O escritor Vittorio Cecchinelli traz sua visão bem-humorada e divertida — ou não — sobre o casamento

CASA... ...MENTOS

VITTORIO CECCHINELLI

Casamento, qual tormento!
Pra que tanto sofrimento?
Quem aguenta? Eu não aguento...

Casar-se é coisa que tudo malogra.
Tanto que há quem se case com a cunhada
Para economizar sogra...

Quando se casa esse ou aquele,
Lá no fundo se ouve o Chaves:
“Ai, que burro! Dá zero pra ele...”

*

VITTORIO CECCHINELLI,
ESCRITOR, AUTOR DE “FELIZ SÍSIFO”,
DENTRE OUTROS, É COLUNISTA DO
“DIÁRIO DE ATILINGA”

Palavra



“Não se pode fazer nada sem a solidão.”

PABLO PICASSO

NASCIDO EM MÁLAGA, ESPANHA, EM 1881, O PINTOR, AUTOR DE “LES DEMOISELLES D'AVIGNON” E “GUERNICA”, DENTRE TANTOS OUTROS, MORREU EM MOUGINS, FRANÇA, EM 1973.

Picasso



Cultura! é uma publicação do jornal OExtra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE

EDITOR: O. A. SECATTO

COLABORADORES: GIL PIVA,

JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E

JACQUELINE PAGGIORO

DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Crônica

“Não é a polarização, o bem contra o mal, direita versus esquerda. É mais profundo, muito, muito mais. Trata-se de resgatar a alteridade. Em enxergar no pequeno, no desprovido, um pouco de nós mesmos”

APESAR DE TANTA BARBARIDADE, O SOL CONTINUA A BRILHAR

JACQUELINE PAGGIORO

Em fevereiro deixei de escrever. Uma certa decepção me invadiu. Confesso, tentei algumas vezes voltar, queria fazer uma crônica leve, engraçada, que falasse do “empoderamento feminino”. Diante do teclado e da tela, espremendo as ideias, surgiam frases sem nexo, em seguida apagava tudo.

Pode parecer bobagem, mas o tempo cinza que estamos a viver me esvaziou do alento.

Neste mundo que nos fustiga de incertezas, necessitamos regressar às nossas *humanessências*, estava com medo de não as reencontrar em mim.

Nesta “quase revolta”, ao me deparar com milhares de jovens, dentre eles mulheres, que legitimam o discurso de um boçal, vazio de propostas, repleto de preconceito e ódio, que reforçam a banalização do mal,

literalmente cuspo neles. Insistentemente, diariamente. Não dá para ser tolerante com a intolerância!

Não é a polarização, o bem contra o mal, direita versus esquerda. É mais profundo, muito, muito mais. Trata-se de resgatar a alteridade. Em enxergar no pequeno, no desprovido, um pouco de nós mesmos. Nem se trata de aguardar um “salvador da pátria”, um messias para nos redimir

(esse é o papel da religião). O compromisso que devemos assumir não é moral, ele é ético!

É na contradição, no paradoxo e na diversidade que nos constituímos e nos construímos; na

assunção da responsabilidade que conquistamos a autonomia.

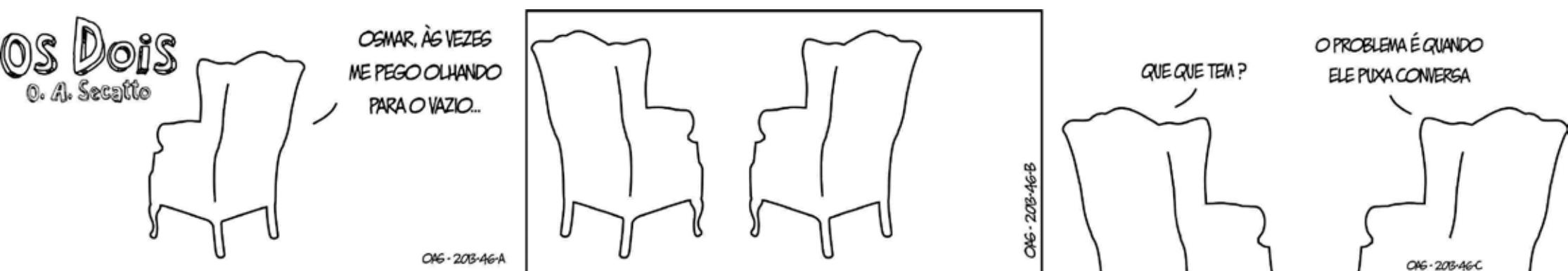
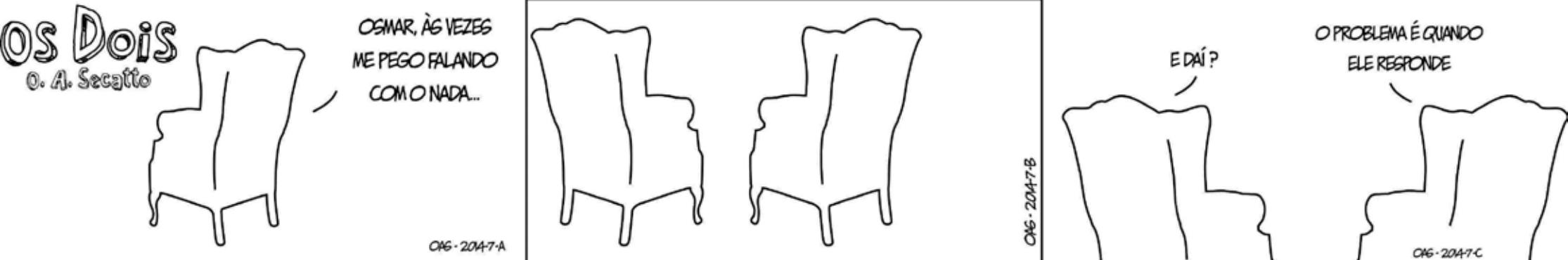
Compreendi que a esperança é ação. Que por trás das nuvens, que tornam os dias nublados, ainda brilha o sol. E que, se não dá para mudar o mundo, podemos ao menos tentar modificar a nós mesmos.

Que a alegria e a poesia possam sempre nos preencher. E nos fazer transbordar!

Compreendi que a esperança é ação, que por trás das nuvens ainda brilha o sol, que podemos ao menos tentar modificar a nós mesmos



Quadrinhos



Crônica

“Não sei vocês, mas eu, todas as vezes que discuto sobre a crise da política, do país, da leitura, do verso e das artes, só consigo pensar que o problema está mesmo no ser humano”



VIVENCIAMOS A CRISE DA CONDIÇÃO HUMANA?

LAÍS MIDORI DA SILVA

O utro dia estava na faculdade e recebi um telefonema inesperado do Osvaldo, um querido amigo, convidando-me a publicar novamente um texto aqui no jornal. Fiquei extremamente feliz, pois, desde que voltei para minha terra natal, tenho tido alguma dificuldade para me reintegrar ao meio social, e a escrita é sempre um excelente exercício de autoanálise. Entretanto, a alegria logo tornou-se desespero. O que escrever? Qual tema devo abordar? Inúmeras situações atribulam o meu e o vosso cotidiano de modo que se torna difícil pensar em um assunto que seja interessante para um maior número de pessoas. Assim, depois de muito pensar, decidi refletir sobre a crise da condição humana. Não sei vocês, mas eu, todas as vezes que discuto sobre a crise da política, do país, da leitura, do verso e das artes, só consigo pensar que o problema está mesmo no ser humano.

Diante dessa constatação, convido-os a pensar nas telas surrealistas do René Magritte, um pintor belga que tem uma série de telas intituladas *A condição humana*. Aliás, nada melhor do que o surrealismo para explicar alguns episódios que temos vivenciado nesse nosso Brasil, não é mesmo?

Bom, para quem não o conhece, vale muito a pena procurar, pois, nessas telas, o artista “brinca” exatamente com a

nossa capacidade de discernir o plano da realidade do plano da arte. Ele cria uma tela dentro da tela a fim de ludibriar o observador, testando-o e instigando-o a enxergar além, desafiando-o a compreender o que é real o que não o é. Acho extremamente interessante essa proposição, porque é esse o papel da arte: promover a reflexão crítica e ampliar nossos horizontes.

Okay! Mas vocês devem estar pensando: “o que isso tem a ver com a crise da condição humana?” E eu vos explico. Na minha humilde opinião, o que dialoga muito com o cenário atual é justamente a ausência da capacidade de refletir e ver além do “nossa umbigo”, para usar uma expressão bem clichê. A humanidade está tão acomodada com a violência, com a polarização partidária, com o individualismo e o egocentrismo, que já não é capaz de experimentar e desfrutar da verdadeira condição humana. Estamos perdendo a nossa humanidade, visto que, a cada dia mais, abrimos mão do contato interpessoal, limitamo-nos a enxergar apenas o que é conveniente, a empatia, há muito tempo, é um vocábulo que já não faz parte do nosso cotidiano e o amor, um sentimento não nobre e belo, foi trocado por likes e superlikes nas férias e superficiais redes sociais. É a liquidez de Bauman literalmente tomando conta da sociedade.

É triste, porém verdadeiro: as relações humanas saudáveis estão em extinção, assim como os bons leitores, os bons artistas, os bons versos e os bons indivíduos, pensantes e críticos. Sobram seres raivosos e que disseminam a cultura do ódio, da violência e do rancor. A obra de Magritte certamente está perdendo a sua função, já que, na atualidade, são poucos os que se permitem parar e observar uma tela, ou um acontecimento, buscando encontrar o que está além. Ninguém mais quer pensar ou refletir. Não há tempo para isso, é preciso pro-*du-zir*. Quando olho para essa situação, só consigo me confortar por ainda ter esperança e utopia, além de amigos como o Osvaldo e todo o pessoal maravilhoso da Confraria da Crônica, claro, que só me mostram o quanto ainda vale a pena

lutar para manter viva em mim essa condição humana, apesar desse momento caótico e de crise. Como dizia o Walter Benjamin, o caos serve para nos impulsionar para o futuro, mas isso é assunto para um novo texto. Eu só quero acreditar que dias melhores virão. Ah, e só para lembrar, o aumentativo de Elena é ELENÃO. *Good vibes* e até a próxima!

*

LAÍS MIDORI DA SILVA, CORINTIANA ROXA E PROFESSORA, É DOUTORANDA EM LETRAS PELA UNESP

